

DIVERSAS FORMAS DE SE ENXERGAR A VELHICE

José Cândido Rodrigues Neto – UFPB

Sérgio Silva Gottgroy Junior - UNIPÊ

Isac Alberto Albuquerque Alves – ECIT Mestre Sivuca

Resumo: Este artigo tem como objetivo expor diversas perspectivas e concepções sobre a velhice para, assim, suscitar uma reflexão que trate este tema de forma interdisciplinar. O envelhecimento sempre incomodou e incomoda os seres humanos ao longo da história, em diferentes culturas e civilizações. Percebemos ao nosso redor a inexorável ação do tempo sobre objetos, animais e seres humanos. A partir disto, surgem diversas questões, tais como: O que é a velhice e quais os problemas decorrentes desta etapa? Será que estes problemas são unicamente causados pela velhice? E quais são os benefícios que esta fase da vida traz? Para debater tais questões recorreremos a uma pesquisa bibliográfica e de revisão de literatura, que se baseia em alguns pensadores que estudaram e refletiram sobre a velhice, tais como: Guita Grin Debert, Cícero e Sêneca, para dessa maneira suscitar uma consistente discussão sobre o já referido tema. Esperamos ao fim deste trabalho ter promovido um debate crítico e enriquecedor sobre o envelhecimento, alargando assim, nossa compreensão sobre este processo que é inexorável a todos nós seres humanos. Tal trabalho se faz importante para que possamos entender que o envelhecimento não é compreendido apenas de uma única maneira, mas ao contrário, através de múltiplas e diferentes perspectivas.

Palavras-chave: Velhice, Cultura, Interdisciplinaridade.

1. Introdução

Um dos temas que sempre incomodou e incomoda os seres humanos ao longo da história, e em diferentes culturas e civilizações, é o envelhecimento. Percebemos ao nosso redor a inexorável ação do tempo sobre objetos, animais, seres humanos, entre estes nossos amigos, parentes e até nós mesmos. Percebemos que o mundo a nossa volta parece ao longo da inabalável marcha do tempo. Tal percepção é fonte de muita angustia e apreensão, pois sabemos que o envelhecimento traz alguns transtornos, dentre eles a perda das capacidades físicas e intelectuais e a proximidade da morte. Entretanto, se faz necessário questionarmos, será que estes problemas são unicamente causados pela velhice? Será que esta etapa da vida apresenta benefícios e quais são eles? Quando podemos considerar que um indivíduo entrou na velhice e quais as decorrências desta etapa de sua vida?

Diante de tantas questões inúmeros filósofos, literatos, poetas e outros pensadores se debruçaram a refletir sobre este tema oferecendo suas respostas e ampliando nossa visão a respeito deste assunto. Destarte, apresentaremos ao longo deste trabalho a visão de alguns destes pensadores, para dessa forma suscitar uma discussão no que tange o tema já referido. Não temos a pretensão de esgotarmos esta discussão, até mesmo por ser ela inesgotável, mas apenas de expor algumas concepções sobre o envelhecimento, desenvolvidas ao longo da história e a partir destas refletir algumas novas possibilidades de se enxergar tal questão. Para realizar tal empreitada recorreremos a uma pesquisa bibliográfica, tendo por base autores que pensaram sobre o envelhecimento como Cícero, Sêneca e a Guita Debert.

2. A velhice como questão cultural.

A antropóloga Guita Grin Debert (1998) diz que a velhice é uma construção cultural, tendo em vista que cada sociedade concebe esta etapa da vida de forma diferente, atribuindo a ela diferentes representações e significados. Debert diz que uma das dificuldades de se estudar este tema é justamente por ser ele uma criação própria de cada cultura, pois diferentes sociedades concebem e representam de formas particulares e específicas os períodos da vida.

A sociedade ocidental e outras sociedades definem os períodos da vida pautando-se em supostos processos biológicos universais que demarcam alguns ritos de passagem. Entretanto, tais processos não nos permitem universalizar o que seria realmente a velhice, tendo em vista que esta é concebida de diversas maneiras, sendo que distintas concepções definem diferentes modos de vivência e de abordagem desta questão. Entretanto, os processos naturais ajudam a pautar todo um discurso científico, que é sistematizado em uma ciência específica que lida com a questão da velhice, tal ciência é denominada gerontologia. Malgrado isto se dê, a Antropologia rompe com a concepção que trata um perfil etnográfico como sendo o padrão ou universal. Nisto, a forma como a vida é periodizada constitui um importante material de estudo para antropólogos.

Assim, a forma como cada sociedade representa e vivencia as etapas da vida, constitui um rico material de estudo para se entender como se compõe sua estrutura interna. Pois se as etapas da vida são construções culturais de cada sociedade e de cada contexto histórico, então as particulares formas de representação dos períodos da vida dizem muito a respeito sobre a organização de cada sociedade. Portanto, Debert (1998) defende que as posturas e costumes

de determinada sociedade não podem colocar-se acima das demais, padronizando, assim, o que seria próprio da natureza humana.

Sendo assim, o que nossa cultura considera como velhice, também o período em que se entra nesta fase e os conflitos e atribuições a ela relacionada, constituem uma concepção que é própria de nossa sociedade e de muitas outras, entretanto não constitui nem define a velhice de forma universal. Trata-se apenas de uma criação cultural destas sociedades. Como defende Debert (1998) o conjunto de processos biológicos por que passam os indivíduos que demarcam ritos de passagem delimitando as etapas da vida, o conjunto de representações e modos de vivência próprios de cada idade, são apenas elementos de um perfil etnográfico de determinada sociedade. Diante disto, podemos concluir que a periodização da vida consiste em uma demarcação simbólica que ocorre em um processo biologicamente universal. Deste modo, a concepção que determinada sociedade tem sobre determinado período da vida não consiste em uma definição universal, mas apenas em uma construção cultural dentre outras tantas. Entretanto, Debert chama a atenção para a suposta existência de alguns padrões “universais”, que estão presentes em todas as sociedades e que são comuns as diversas culturas, como a busca por uma vida longa e produtiva.

Apesar disto, não podemos dizer que estes “universais” tracem um retrato fiel do que é a velhice, talvez tal retrato nem exista. Mas apesar disto as formas de representação de diferentes culturais nos permitem perceber como estas dividem e lidam com as diversas etapas da vida, sendo estas construções culturais que se pautam em processos biológicos e muitas vezes em um discurso científico. Logo, podemos inferir que as diversas práticas e representações que subsidiam a criação e divisão das etapas da vida são criações culturais. O que não implica dizer que tais criações são irrelevantes, pois estas definem e criam ritos e formas de vivência relacionadas aos períodos da vida em cada sociedade.

3. A fugacidade do tempo e a velhice

Dentre uma das formas de conceber a velhice, podemos citar a visão melancólica e saudosista do poeta brasileiro Casemiro de Abreu. No poema denominado “três cantos”, Casimiro representa as três fases da vida, infância, juventude e velhice da seguinte forma:

Quando se brinca contente
Ao despontar da existência
Nos folguedos de inocência,
Nos delírios de criança;
A alma, que desabrocha
Alegre, cândida e pura –

Nessa contínua ventura
É toda um hino: – esperança!

Depois... na quadra ditosa,
Nos dias da juventude,
Quando o peito é um alaúde,
E que a fronte tem calor;
A alma que então se expande
Ardente, ferosa e bela –
Idolatrando a donzela
Soletra em trovas: – amor!

Mas quando a crença se esgota
Na taça dos desenganos,
E o lento correr dos anos
Envenena a mocidade;
Então a alma cansada
Dos belos sonhos despida,
Chorando a passada vida –
Só tem um canto: – saudade!

No poema o autor expressa a infância como uma etapa de inocência, alegria e esperança. É quando somos crianças e não temos nenhuma preocupação, apenas brincamos e sonhamos de forma pura com o futuro. A juventude é retratada pelo poeta como sendo impetuosa e carregada de paixões. Já o envelhecimento é enxergado como sendo a fase em que se sente saudade, onde já se perdeu as esperanças em um futuro e todos os sonhos já foram deixados de lado. Segundo o Eu lírico do poema, o lento correr dos anos faz com que abandonemos todas as nossas crenças e nos tornemos mais amargurados. A alma se cansou de suas aspirações e de seus arroubos. Só resta agora chorar a vida passada. Fica então patente que o envelhecer é retratado por Casimiro de forma melancólica e saudosista. No seu poema o eu-lírico torna-se triste e nostálgico com o correr dos anos, pois no fim só lhe resta chorar por um passado distante. Essa concepção que enxerga a velhice como um período de melancolias e frustrações, de que trata o poema de Casimiro de Abreu, está presente também no imaginário das pessoas e é compartilhada por muitos indivíduos. Quantas vezes não ouvimos dizer que os idosos gostam de contar estórias longas e carregadas de saudade sobre sua juventude ou que são amargurados ao lembrar os dias passados? Mas será que a velhice se resume apenas em um canto de saudade, como dizia Casimiro? Podemos dizer que os idosos apenas olham para trás? Como eles enxergam o futuro e quais são suas expectativas? O que esperam de sua velhice e de seu convívio com as pessoas que o cercam?

Em seu livro denominado “A brevidade da vida”, o filósofo estoico Sêneca, recomenda que vivamos de forma proveitosa, sem desperdiçar nosso tempo com futilidades, pois a fugacidade deste se mantém fora de nosso controle. Sêneca afirma que a maioria dos

indivíduos reclama por não terem tempo para se dedicar a si mesmos e suas atividades mais aprazíveis. Entretanto, esses mesmos indivíduos consomem seu dia em coisas frívolas e improficuas. Deste modo, o filósofo estoico nos diz o seguinte: “Não é que temos tempo exíguo. O problema é que perdemos muito dele”. (SÊNECA, 2007, p. 19). A vida é extensa para quem dela sabe dispor de modo adequado e sábio, entretanto, a maioria dos indivíduos encurtam suas vidas gastando cada minuto com futilidades, esquecendo-se de atribuir a devida importância às coisas mais valorosas. Será que agimos como estes indivíduos de que fala Sêneca? Quantas vezes chegamos ao fim do dia com a sensação de termos desperdiçado as horas em coisas que em nada nos faz crescer? Será que realmente sabemos valorizar nosso tempo?

Para Sêneca viver não é apenas estar no mundo. Assim, aquele que possui uma vida vasta em anos pode ser pobre na arte de viver, e por isso possuir uma curta vida. Pois: “Pequena é a parte da vida que vivemos. De fato, todo o resto é tempo e não vida.” (Ibidem, p. 22) Os indivíduos apesar de terem vivido muitos anos, destes viveram pouquíssimos para si, e por isto de sua vida pouco aproveitaram. Isso significa que determinado indivíduo pode ter vivido pouco, mesmo estando em uma idade avançada, pois, para Sêneca viver e estar no mundo não são sinónimos. “Por conseguinte, não digas que fulano viveu muito porque tem cabelos brancos e rugas. Ele não viveu muito. Apenas durou bastante”. (Ibidem, p. 40). Desta forma, esse filósofo nos recomenda que aproveitemos bem o tempo, dedicando uma parcela deste para nós mesmos. Pois a soma de muitos anos não se traduz em uma longa vida mais apenas em longa permanência no mundo.

As observações colocadas por Sêneca nos faz refletir sobre como organizamos nosso dia, sobre como tiramos proveito de nosso tempo. Isto pode nos causar grande pesar, pois muitas vezes o dia termina e temos a sensação de que deveríamos tê-lo ocupado com outros afazeres. Por vezes somos assolados pela sensação de ter desperdiçado as poucas horas que temos, sendo muitas vezes estas ocupadas com coisas fúteis e improdutivas. Esta mesma sensação de pesar pode estar presente na velhice daqueles que ao olharem para trás, consultando os anos vividos, constatam que destes tiraram pouco proveito, pois nada fizeram para seu auto crescimento ou para o acúmulo de virtudes. Portanto, devemos ponderar nossas ações e ter conhecimento que cada segundo é insubstituível e único. A marcha de nossa existência não retarda seu fluxo. Devemos valorizar cada instante e buscar sempre tirar o melhor proveito de cada situação, para que dessa forma possamos adquirir conhecimento e

sabedoria ao longo dos anos e para que possamos realizar nossos projetos e calcar os degraus de nossas conquistas.

4. A velhice como amiga da sabedoria

Para muitos povos e civilizações a velhice é sinónimo de sabedoria, acredita-se que ao longo de anos vividos o indivíduo adquire equilíbrio, ponderação e experiência. Em muitas culturas os idosos eram venerados e tratados com bastante reverência, pois tais indivíduos eram portadores de inúmeras experiências e saberes. Em tais contextos as decisões importantes nunca eram tomadas sem o aval dos mais experientes, pois era como se as palavras destes fossem cheias de sabedoria e reflexão, próprias de quem tem algo a transmitir. Para corroborar isso podemos citar o exemplo de Esparta que tinha um conselho formado por anciões e também o senado romano que teve origem nos antigos conselhos de idosos, daí o nome “senado” que vem do latim *senex*, que significa velho, idoso. Sobre a importância dos velhos em diversos estados o romano Cícero diz o seguinte:

Em Esparta, os magistrados mais importantes são os “velhos” que obtêm inclusive sua glória desse nome. E se vos derdes o trabalho de aprender um pouco de História estrangeira, vereis que numerosos Estados desmoronaram por culpa de homens jovens, e que outros foram mantidos e restabelecidos por velhos. (CÍCERO, 2007, p. 20)

Podemos perceber que segundo Cícero não só Esparta reverenciava seus anciões mais diversos outros estados. O filósofo romano também defende que os idosos possuem qualidades essenciais para atuar na vida pública. Por outro lado ele aponta como causa da ruína de alguns estados as ações precipitadas e equivocadas de homens jovens. Diante disto, percebemos que Cícero defende que a temperança e a ponderação são virtudes próprias da maturidade, enquanto que a temeridade e a impulsividade são falhas cometidas por jovens. Percebe-se isto nas palavras de tal autor: “Sem dúvida alguma, a irreflexão é própria da idade em flor, e a sabedoria, da maturidade.” (Ibidem, p. 20). Diante de tal afirmação fica patente que este filósofo defende que a maturidade traz consigo a sabedoria.

Marco Túlio Cícero foi um influente político, orador, jurista e filósofo deixando uma vasta e diversificada obra e escrevendo a respeito de vários temas. Um dos assuntos que chamaram a atenção de Cícero foi a velhice. Tendo em vista que ele deixou um tratado onde discorre sobre este assunto. Este autor defende que todas as fases da vida possuem seus encantos e seus prazeres e recomenda que encontremos os prazeres e as virtudes da velhice, que é defendida como sendo uma necessidade da natureza.

Acaso os adolescentes deveriam lamentar a infância e depois, tendo amadurecido, chorar a adolescência? A vida segue um curso muito preciso e a natureza dota cada idade de qualidades próprias. Por isso a fraqueza das crianças, o ímpeto dos jovens, a seriedade dos adultos, a maturidade da velhice são coisas naturais que devemos apreciar cada um em seu tempo. (Ibidem, p. 29)

Desta forma, é dito que é sábio apreciar os atributos próprios de cada fase da vida e se deixar conduzir pela natureza, pois esta não se precipitaria no último período da vida, caso o fizesse agiria como um poeta que se equivoca no último ato de uma peça. Em sua obra sobre a velhice, Cícero escreve em forma de diálogo, que transcorre entre Cipião, que no início do diálogo diz que a maioria das pessoas considera a velhice difícil de encerrar e mais penosa de se lidar. A isto um personagem denominado Catão responde que aqueles que não encontram a felicidade dentro de si acharão desprezíveis todas as fases da vida. Mas todo aquele que consegue tirar recursos em si, extrair o essencial, não acharia ruim nenhuma das necessidades da natureza, que inclui a velhice entre uma delas.

Neste mesmo texto é dito que os velhos são privados de alguns prazeres da vida e que alguns possuem o temperamento amargo. Mais será que é a velhice que deve ser incriminada por conta disto? A essa pergunta Catão responde:

É portanto ao caráter de cada um, e não à velhice propriamente, que devemos imputar todas essas lamentações. Os velhos inteligentes, agradáveis e divertidos suportam facilmente a velhice, ao passo que a acrimônia, o temperamento triste e a rabugice são deploráveis em qualquer idade. (Ibidem, p. 11)

Portanto, segundo o autor o temperamento amargurado e rancoroso não é próprio da velhice mais de cada indivíduo. Cabe a cada um cultivar as virtudes e ter temperança durante toda sua vida para desta forma ter uma velhice tranquila e equilibrada. Assim, é dito que: “[...] Mas uma vida tranquila, honorável e distinta pode do mesmo modo levar a uma velhice pacífica e suave”. (CÍCERO, p. 16). Além disso, o homem sábio sabe extrair o melhor de cada circunstância se adapta aos ditames da natureza. Desse modo, o sábio é aquele que sabe tirar proveito das virtudes que amadurecem ao longo dos anos e, desta forma, utiliza em benefício de uma vida harmoniosa as vantagens que dispõe na velhice. Sobre isto é dito que:

[...] as melhores armas para a velhice são o conhecimento e a prática das virtudes. Cultivados em qualquer idade, eles dão frutos soberbos no término de uma existência bem vivida. Eles não somente jamais nos abandonam, mesmo no último momento da vida – o que já é muito importante –, como também a simples consciência de ter vivido sabiamente, associada à lembrança de seus próprios benefícios, é uma sensação das mais agradáveis. (Ibidem p. 12)

Assim, Cícero recomenda que tenhamos uma vida saudável e regrada, buscando sempre agir bem e ponderando nossas ações, pois deste modo na velhice poderemos nos

regozijar de ter tido uma vida virtuosa, além de ter acumulado grandes aprendizados ao longo dos anos, podendo saborear na velhice os frutos que foram cultivados na juventude. O filósofo romano ainda diz que os tolos imputam seus defeitos, falhas e insuficiências à velhice. Em seu texto ele lista quatro razões que fazem com que a velhice seja considerada detestável por alguns: 1) Ela nos afasta da vida ativa; 2) Ela enfraqueceria nosso corpo; 3) Ela nos privaria dos melhores prazeres; 4) Ela nos aproxima da morte. Em seguida autor examina essas quatro razões para verificar a justeza dos argumentos.

O primeiro motivo o autor considera como sendo um argumento inconsistente, pois ele cita diversos anciões que participaram ativamente da vida pública. Na realização das grandes façanhas políticas, o autor atribui o crédito à qualidades como a sabedoria a clarividência, e o discernimento, qualidades estas que a velhice não se vê privada, mas pelo contrário, as possui em maior proporção do que as outras fases da vida. Cícero nos tem a dizer o seguinte sobre isto:

Os que negam à velhice a capacidade de tomar parte dos assuntos públicos não provam nada, por tanto. É como se dissessem que, num barco, o piloto repousa, tranquilamente sentado na popa, apoiado ao timão, enquanto os outros escalam os mastros, se ocupam sobre o convés ou esvaziam a latrina. Em verdade, se a velhice não está incumbida das mesmas tarefas que a juventude, seguramente ela faz mais e melhor. Não são nem a força, nem a agilidade física, nem a rapidez que autorizam as grandes façanhas; são outras qualidades, como a sabedoria, a clarividência, o discernimento. Qualidades das quais a velhice não só não está privada, mas, ao contrário, pode muito especialmente se valer. (Ibidem p. 18)

Com estes argumentos o filósofo romano descobriu o primeiro motivo que faz com que alguns insensatos considerem a velhice indesejável e que jugam que a idade avançada nos impede de participar ativamente da vida política.

É dito que o segundo inconveniente da velhice é a falta de vigor. Mais Cícero diz que é preciso se servir bem daquilo que se tem, desse modo, o indivíduo ao se aproximar da uma idade avançada precisa se adaptar à perda progressiva de suas forças físicas, aquele que se vê arruinado pela perda de tais forças se encontra em tal situação devido à sua inaptidão. Os enfraquecimentos físicos também são imputados aos excessos da juventude e não apenas aos efeitos do envelhecimento. Destarte, uma vida comedida e moderada pode diminuir os efeitos causados pelos já mencionados excessos. Como diz o autor: “A herança de uma juventude voluptuosa ou libertina é um corpo extenuado”. (Ibidem, p. 27) Por isso, é necessário que os jovens tenham uma vida regrada e evitem os excessos. Ao chegar à velhice é recomendável:

“[...] usar suas forças com parcimônia e adaptar seus esforços a seus próprios meios. Então não sentimos mais frustração nem fraqueza”. (Ibidem, p. 29)

Também é afirmado por Cícero que a fraqueza não é própria apenas da velhice, pois podemos encontrar jovens fracos tanto fisicamente quanto espiritualmente. Cícero também recomenda que os idosos tenham uma série de cuidados com seu corpo e com seu espírito, pois agindo desta forma eles poderão diminuir os efeitos causados pelo passar do tempo. É preciso lutar contra os efeitos causados pelo envelhecimento. Para isto se faz necessário adotar uma série de cuidados que vão desde uma alimentação saudável até a prática de exercícios. É certo que todos nós envelhecemos, cabe a cada um procurar envelhecer da melhor forma possível, para assim atenuar os danos causados pelo envelhecimento. Para Cícero o sábio é aquele que se adapta da melhor maneira possível às situações impostas pela natureza. Aquele que cuida de si terá uma velhice mais tranquila, e como é dito o sábio envelhece apenas fisicamente mais não espiritualmente.

O terceiro agravo feito à velhice é que ela seria privada de prazeres. A isso o autor responde que pode ser encarada como uma vantagem, pois segundo ele a busca descontrolada da volúpia faz com que os indivíduos percam o controle e a moderação, o que é causa de inúmeros males, dentre estes a traição à pátria e aos amigos, e tantas outras vilezas. Assim o autor diz o seguinte: “Onde reina a devassidão, obviamente não há lugar para a temperança; lá onde o prazer triunfa, a virtude não poderia sobreviver.” (Ibidem, p. 34). A partir destas palavras podemos inferir que para o filósofo romano a volúpia e a busca descontrolada dos prazeres nos afastam das virtudes e da temperança, que são necessárias para que se tenha uma vida equilibrada.

Cícero afirma que o principal prazer é o do espírito, para ele todos os outros são secundários. Assim, sendo é mais vantajoso para nós cultivarmos as virtudes relacionadas ao espírito e adquirindo sempre novos conhecimentos mesmo depois da velhice, pois nunca é tarde para se aprender algo. “Assim, é digno de seu autor aquele verso de Sólon em que ele afirma que aproveita cada dia de sua velhice para adquirir novos conhecimentos. Sim, nenhum prazer é superior ao do espírito”. (Ibidem, p. 42). Para corroborar esta afirmação o filósofo romano cito o exemplo de Sócrates que aprendeu a tocar lira em sua velhice. Além disso, Cícero afirma que a memória não é comprometida por causa de uma idade avançada, mas para isto devemos sempre mantê-la exercitada, assim a memória só declina se não a exercitamos ou se carecemos de vivacidade de espírito.

Apesar de todas as vantagens que Cícero atribui à velhice ele reconhece que apenas a esta por si só não traz respeitabilidade, pois esta provém de todo o aprendizado trazido pelos anos, que é decorrente de uma vida moderada, onde foram praticados atos virtuosos. Assim, o autor afirma o seguinte: “Os cabelos brancos e as rugas não conferem, por si sós, uma súbita respeitabilidade. Esta é sempre a recompensa de um passado exemplar”. (Ibidem, p. 50)

A quarta razão para se temer a velhice é a proximidade da morte. Entretanto, o autor defende que o indivíduo que viveu muitos anos deve aprender a olhar a morte de cima e encará-la de frente. Cumpre desprezar a morte se ela causa o desaparecimento da alma, e desejá-la se ela confere a sua imortalidade. Segundo o autor, não se deve temer a morte, pois ninguém está seguro de estar vivo ao anoitecer, mesmo os jovens. A vida é algo incerto, até mesmo para os que estão no despontar da vida. Não cabe a nenhum indivíduo cogitar quanto tempo viverá, como irá perecer ou quando isso irá ocorrer. A morte é um risco a qualquer idade, dessa forma, não só os velhos convivem com esse risco. Cícero ainda fala que a morte de um velho é mais tranquila e natural, isto pode ser percebido na seguinte frase:

Assim como a morte de um adolescente me faz pensar numa chama viva apagada sob um jato d’água, a de um velho se assemelha a um fogo que suavemente se extingue. Os frutos verdes devem ser arrancados à força da árvore que os carrega; quando estão maduros, ao contrário, eles caem naturalmente. Do mesmo modo, a vida é arrancada à força aos adolescentes, enquanto deixa aos poucos os velhos quando chega sua hora. (CÍCERO, 2007, p. 55)

Portanto, a sabedoria acumulada com os anos faz com que o indivíduo compreenda que a morte é um processo natural e que todos estão sujeitos a ele, além disso, os velhos devem se contentar por ter vivido muitos anos, pois este é o desejo dos que ainda despontam na vida. Sêneca, sobre isto, nos diz que quando o indivíduo leva uma vida produtiva ele se satisfaz e encara a morte com naturalidade, pois deixa a vida com a sensação de dever cumprido. Os que não desperdiçam o tempo e aproveitam a sua breve existência em coisas úteis e enriquecedoras aproveitam a vida, tornando-a abundante e produtiva.

Sêneca defende, em sua obra “A brevidade da vida”, que devemos aproveitar o tempo com coisas úteis e edificantes, já que somos seres que levam uma vida breve, pois segundo ele; “[...] a vida pode até ser breve, mas o que a prolonga é a arte do seu uso” (SÊNECA, 2007, p. 17). Para Sêneca a grande maioria das pessoas desperdiçam seus dias e acabam se frustrando ao chegarem à velhice e reconhecerem que pouco proveito fizeram, lastimam-se pelo tempo que se esvaiu rápido, mas: “[...] apesar de muitos viverem lastimando o fluxo rápido da existência, findam por cooperarem com aquela rapidez, já que se dedicam à

futilidade quando não aos vícios.” (SÊNECA, 2007, p. 17). Ao contrário disto, o sábio reflete sobre suas ações e pratica o bem, desfrutando de uma velhice rica, não de bens materiais, mas do acúmulo de méritos e aprendizagens. “Em razão disso tudo, quando chega o último dia, o sábio não vacila em caminhar para a morte com passo firme”. (SÊNECA, 2007, p. 50)

Cícero também parece concordar com Sêneca ao afirmar o seguinte: “A velhice, enfim, tem suas inclinações próprias e estas por sua vez se desvanecem como desapareceram as idades precedentes. Quando esse momento chega, a saciedade que sentimos nos prepara naturalmente para a proximidade da morte”. (CÍCERO, 2007, p. 59) Assim, estes dois filósofos romanos concordam que os sábios não temem a proximidade da morte por estarem velhos e a encerram de modo sereno e natural. Portanto, O homem sábio porta-se com serenidade em sua velhice, tendo em vista que este cultivou as virtudes ao longo da vida e teve grandes necessidades saciadas, pois soube utilizar o tempo com sabedoria e de forma profícua como recomendava Sêneca. Desse modo, ele sente-se tranquilo não teme males advindos do envelhecimento, encarando esta etapa com sabedoria. Pois “Quanto à velhice, em suma, ela é a cena final dessa peça que constitui a existência. Se estamos fatigados dela, então partamos, sobretudo se estamos saciados.” (CÍCERO, 2007, p. 65).

Assim, para estes dois filósofos romanos, a velhice parece aproximar os indivíduos da sabedoria. Aqueles que aproveitam o seu tempo, praticando ações virtuosas, acumulam no fim da vida uma sabedoria decorrente de anos de aprendizagem. Podemos dizer que esta perspectiva entende a velhice como a fase mais filosófica da vida, como a fase que nos torna mais afeiçoados à sabedoria. Sendo assim, será que devemos nos lastimar ao alcançarmos uma idade avançada? Ou será que em tal fase teremos encontrado o equilíbrio decorrente dos anos vividos? Tudo dependerá de como conduzirmos a nossa vida ao longo da jornada da existência.

5. Conclusão

Já que a velhice vai bem além dos cabelos brancos e de um corpo extenuado pelos anos, a categoria denominada velhice é uma criação cultural, onde diversas culturas a representaram de diversas formas. Uma visão bem presente em nossa cultura é a de que o idoso é uma pessoa cansada, debilitada e melancólica, que vive de relembrar o passado. Entretanto, a velhice não se resume a isto, uma vez que os idosos criam expectativas, e também participam ativamente da vida em sociedade, contribuindo com suas experiências e

aprendizados. Expusemos neste texto que a velhice pode nos trazer sabedoria e sobriedade, visto que o correr dos anos nos propicia diversas experiências e aprendizagens. Entretanto, nem sempre isto ocorre, pois viver não é o mesmo que estar no mundo. Para que possamos olhar para trás no fim da vida e enxergarmos uma estrada repleta de realizações e de momentos que foram enriquecedores, devemos cultivar as virtudes desde cedo, para que possamos levar uma vida equilibrada e poder dispor de uma velhice rica em sabedoria. Muitas vezes nos deixamos levar pelos vícios e pelas futilidades do dia-a-dia, mergulhamos em frivolidades e esquecemos o verdadeiro sentido da existência, esquecemo-nos de nós mesmos, e quando nos damos conta estamos no fim da vida e frustrados por não ter feito o que realmente deveríamos.

Esperamos que com este trabalho tenhamos exposto diferentes concepções sobre a velhice, não para dar respostas definitivas nem para esgotar o debate sobre este tema, mas antes demonstrar que a velhice pode ser pensada de diversas formas e vista de diferentes ângulos. Deste modo, observar determinado objeto em diferentes perspectivas é exercitar o senso crítico e despertar o olhar arguto e perspicaz que é próprio da consciência reflexiva.

REFERÊNCIAS:

ABREU, C. de. **Poesias escolhidas**. Rio de Janeiro: edições Spiker, 1985.

CÍCERO. M. T. **Saber envelhecer e a Amizade**. Porto Alegre: L&PM, 2007.

DEBERT, G. G. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. In: Debert, Guita Grin. **A antropologia e a velhice** - Textos Didáticos, 2ª ed., 1 (13), Campinas, IFCH/Unicamp, 1998, pp.07-28. Disponível em: <
<http://www.mirelaberger.com.br/download/td13-guita.pdf> > Acessado em: 27/01/2016.

GUIMARÃES, E. C. **Reflexão sobre a velhice**. Disponível em: <
http://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2007/reflexao_sobre_a_velhice.pdf >
Acessado em 29/01/2016

SANTOS, S. S. C. Envelhecimento: visão de filósofos da antiguidade oriental e ocidental. **Rene**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 88-94, 2001.

SÊNeca, **A brevidade da vida**. São Paulo: Escala, 2007.